

Sintomas depressivos e ansiosos em estudantes universitários: Um estudo numa universidade num estado da região Norte do Brasil



<https://doi.org/10.56238/sevened2023.007-037>

Vinícius Lopes Marinho

Doutor em Ensino, Universidade de Gurupi, Brasil

Jeann Bruno Ferreira da Silva

Doutor em Desenvolvimento Regional, Universidade de Gurupi, Brasil

Zelita Kássia Pereira Mota

Graduanda em Medicina pela Universidade de Gurupi, Brasil.

Larrânne Gary Martins Barbosa Amorim

Graduando em Psicologia pela Universidade de Gurupi, Brasil.

Luana Soares Silva

Graduanda em Psicologia pela Universidade de Gurupi, Brasil.

RESUMO

Este estudo objetivou descrever a existência de sintomas de depressão e ansiedade em estudantes

dos cursos de graduação de uma Universidade Pública num estado da região Norte do Brasil. A metodologia empregada foi pesquisa transversal quantitativa e descritiva que contou com a participação de 362 estudantes dessa Instituição de Ensino. Como instrumentos foram utilizados os Inventários de Ansiedade e Depressão de Beck e um Questionário Sociodemográfico que foram encaminhados através de formulário eletrônico. Dos 362 estudantes que participaram da pesquisa, 14% apresentavam nível mínimo de ansiedade, 30% nível leve, 35% nível moderado e 22% nível grave. Já em relação aos sintomas depressivos, os dados apontam que 32% dos estudantes apresentaram nível considerado Moderado a grave, 10% Grave, 32% Mínimo e 46% Leve a Moderado. Conclui-se que a população universitária estudada experimenta sintomas ansiosos e depressivos clinicamente significativos, podendo experimentar de transtornos mentais que, se não intervistos, podem se agravar.

Palavras-chave: Depressão, Ansiedade, Estudantes Universitários.

1 INTRODUÇÃO

Os transtornos mentais representam um desafio crítico para a saúde pública, principalmente os sintomas ansiosos e depressivos, os quais possuem alta prevalência no âmbito acadêmico. Nota-se que tais transtornos afetam substancialmente a qualidade de vida e diminuem o rendimento universitário, de modo a exacerbar ainda mais transtornos já existentes devido o sentimento de impotência. (Maltoni et al., 2019)

A transição para o ensino superior é permeada por desafios psicossociais, os quais englobam o distanciamento familiar, insegurança e o medo. Esse conjunto de fatores tendem a criar um ambiente propício para se desencadear transtornos ansiosos e depressivos ou ainda exacerbar os existentes. Vale destacar ainda que a adaptação depende de fatores intrínsecos e extrínsecos ao indivíduo, como variáveis sociodemográficas, qualidade e apoio prestado pelas instituições, e a capacidade de resiliência. (Silva et al., 2021)



De acordo o DSM-5, os transtornos de ansiedade costumam apresentar características de medo e ansiedade em excesso, além de perturbações comportamentais relacionadas. No contexto universitário, a interação social e as demandas acadêmicas podem intensificar esses sintomas, enquanto a falta de lazer e as expectativas de sucesso amplificam o risco. E quando a ansiedade patológica não é tratada torna-se um fator de risco relevante para o desencadeamento de outras doenças, como o transtorno depressivo.

Segundo o DSM-5, a depressão é caracterizada pelo humor triste, vazio ou irritável, acompanhado de mudanças somáticas e cognitivas que afetam significativamente a capacidade da pessoa. Vale destacar que dos transtornos mentais o que tem mais relação com ideações suicidas é o transtorno depressivo maior. Tal situação é preocupante e deve ser intervinda antes que a ideação se realize.

E o contexto da pandemia acentuou esses transtornos nos universitários, uma vez que a suspensão das aulas devido o estado de emergência instalado, a adaptação ao ensino remoto, as incertezas sobre o futuro e a necessidade do isolamento social para se proteger. Por isso, é importante avaliar as implicações psicoemocionais dessa conjuntura. (Maia et al., 2020)

2 MATERIAIS E MÉTODOS

O presente estudo adotou uma abordagem transversal de natureza quantitativa e descritiva, realizada com 362 discentes de uma Universidade localizada no Sul do Estado do Tocantins, Brasil, entre os períodos de abril e maio de 2023.

Os critérios de inclusão estabelecidos para a participação na pesquisa foram: ser estudantes e estar matriculado em um dos cursos de graduação; concordar em participar da pesquisa; estar ciente, concordando e assinando digitalmente o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido; ter endereço eletrônico (e-mail) válido e responder integralmente aos questionários. Estudantes que responderam parcialmente aos formulários foram excluídos da análise e que não correspondem aos critérios de inclusão mencionados.

A coleta de dados foi realizada por meio de um formulário eletrônico do Google Forms, no qual foram explicitados os objetivos da pesquisa e os instrumentos da pesquisa, que foram, o Inventário de Depressão de Beck e o Inventário de Ansiedade de Beck foram utilizados como instrumentos de avaliação.

O Inventário de Depressão de Beck (Beck Depression Inventory – BDI). Escala de autorrelato de Beck, Rush, Shaw e Emery, de 1982, com validação no Brasil (Cunha, 2001). É composto por 21 grupos de sintomas com quatro alternativas possíveis, variando entre escores de 0 a 3 em ordem crescente de agravamento dos sintomas. Reflete a sintomatologia dos últimos sete dias do indivíduo. A aplicação do BDI é indicada para indivíduos entre os 17 e 80 anos de idade. O escore total, feito a



partir da soma dos itens, pode indicar diferentes níveis de intensidade de depressão entre os níveis: mínimo (0-11 pontos), leve (12-19), moderado (20-30) e grave (36-63).

Já o Inventário de Ansiedade de Beck (Beck Anxiety Inventory – BAI). Escala constituída por 21 itens referentes a sintomas de ansiedade experimentados nos últimos sete dias, com respostas variando de 0 a 3, refletindo níveis de gravidade em ordem crescente. O instrumento criado por Beck, Epstein, Brown e Steer, em 1988, também é adaptado para o português (Cunha, 2001).

Ambas as escalas foram corrigidas conforme as orientações de seus respectivos manuais, e os dados foram analisados quantitativamente por meio de análise descritiva (frequência e porcentagem) utilizando o software SPSS – Statistical Package for the Social Sciences versão 20.0 para Windows. O estudo seguiu as diretrizes estabelecidas pela resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde e foi submetido a um Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, sendo aprovado conforme CAAE: 66897923.0.0000.5518 e parecer no 5.940.836.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inicialmente será realizada a caracterização do perfil sociodemográfico dos participantes e na sequência são apresentados os resultados da avaliação dos escores dos Inventários de Ansiedade e de Depressão de Beck aplicados aos 362 estudantes.

Tabela 1. Perfil Sociodemográfico dos estudantes

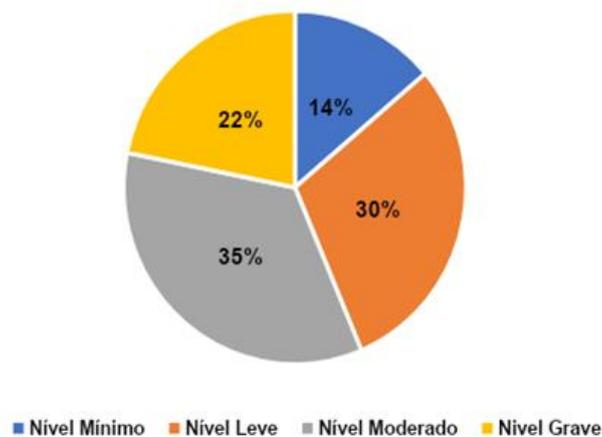
Variáveis sociodemográficas (n=480)	Nº de estudantes	Percentual
Sexo		
Masculino	72	80,3%
Feminino	290	19,7%
Estado civil		
Casado (a)	54	15%
União estável	18	5%
Solteiro(a)	285	74,4%
Divorciado(a)	7	1,9%
Viúvo(a)	-	-
Renda mensal		
1 a 2 salários-mínimos	62	17,5%
2 a 3 salários-mínimos	76	21,4%
3 a 4 salários-mínimos	58	16,3%
4 a 10 salários-mínimos	122	34,4%
≥ 10 salários-mínimos	-	-
Situação Laboral		
Apenas estuda	135	37,6%
Estuda e trabalha informalmente	64	17,8%
Estuda e trabalha formalmente	160	44,6%
Com quem mora		
Sozinho	69	19,2%
Pais	141	39,3%
Outros familiares	25	7%
Amigos	53	14,8%
Companheiro(a)	71	19,8%
Faz atividades de lazer		
Sempre	105	29,1%



Esporadicamente	110	30,5%
Raramente	146	40,4%
Já fez tratamento psicológico		
Sim	157	43,7%
Não	169	47,1%
Em andamento	33	9,2%
Já fez tratamento psiquiátrico		
Sim	78	21,6%
Não	261	72,3%
Em andamento	22	6,1%
Grau de Satisfação com o curso		
Péssimo	6	1,7%
Ruim	20	5,5%
Razoável	90	25,2%
Bom	172	47,6%
Excelente	72	19,9%

Dos estudantes que participaram do estudo, 80,3% são do sexo feminino e 19,7% masculino; 74,4% são solteiros, 15% casados, 5% união estável e 1,9% divorciados. Acerca da renda mensal, a maioria (34,4%) declarou receber mais de 4 salários mínimos, enquanto a minoria (16,3%) possuem renda entre 3 a 4 salários mínimos. Ainda, os dados da pesquisa apontam que 44,6% estuda e trabalha formalmente, enquanto 37,6% apenas estuda e 17,8% estuda e trabalha informalmente. Acerca, da relação de moradia, 39,3% declarou morar com os pais, outros, 19,8% moram com o companheiro, enquanto que, 19,2% declarou morar sozinho. Apenas 14,8% mora com amigos, e 7% mora com outros familiares. Ao serem questionados se realizam algum tipo de atividade de lazer, 30,5% relata que apenas esporadicamente, 29,1% sempre e 40,4% raramente. Outrossim, 47,1% declararam que não realizam tratamento psicológico, 43,7% realizam e 9,2% estão em andamento. Já sobre tratamento psiquiátrico, 72,3% declararam que não, 21,6% que sim e 6,1% em andamento.

Gráfico 1. Níveis de Ansiedade
NÍVEIS DE ANSIEDADE



Fonte: Resultados da pesquisa a partir da aplicação do Inventário de Ansiedade de Beck.



Dos 362 estudantes que participaram da pesquisa, 14% apresentavam nível mínimo de ansiedade, 30% nível leve, 35% nível moderado e 22% nível grave. Os dados encontrados no estudo, reforçam uma publicação da Organização Mundial de Saúde (OMS) (WHO, 2020) apontou o aumento de 14,9% na taxa mundial dos transtornos de ansiedade entre os anos de 2005 e 2020, quando se atingiu a cifra de 264 milhões de pessoas que sofriam com essa doença mental no planeta. O mesmo documento apresenta um quadro comparativo no qual o Brasil é destacado como o país com a maior prevalência de ansiedade no mundo, atingindo 9,3% de sua população. como o país com a maior prevalência de ansiedade no mundo, atingindo 9,3% de sua população.

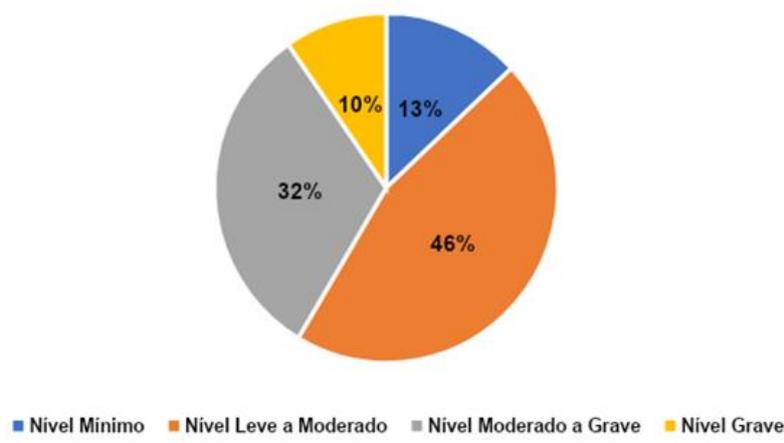
Outro estudo, realizado com 460 estudantes universitários em Portugal entre os períodos de 2018 à 2020, apontou um aumento significativo de perturbações psicológicas no último ano, especificamente no período pandêmico. Dentre as perturbações destaca-se o stress e a ansiedade (Maia; Dias, 2020).

Em estudo realizado por Wang et al. (2020), realizado com 1.210 participantes de 21 a 30 anos, em 194 cidades na China, 53,8% da amostra classificou o impacto psicológico como moderado ou severo, relatando sintomas moderados ou severos de ansiedade (28,8%), depressão (16,5%) e estresse (8,1%), com diferenças significativas para o sexo feminino (Wang et al., 2020).

É de extrema importância que se investigue os níveis dos impactos da COVID-19 na comunidade acadêmica, assim o presente estudo também objetivou investigar os escores de depressão na comunidade acadêmica.

Em relação aos sintomas depressivos, os dados apontam que 32% dos estudantes apresentaram nível considerado Moderado a grave, 10% Grave, 32% Mínimo e 46% Leve a Moderado.

Gráfico 2: Níveis de Depressão
NÍVEIS DE DEPRESSÃO



Fonte: Resultados da pesquisa a partir da aplicação do Inventário de Depressão de Beck.



Em estudo realizado por Dos Santos et al, (2021), em uma Instituição Privada de Ensino Superior no Distrito Federal, conduzido com 521 estudantes, observou-se o predomínio de sintomas depressivos no sexo feminino. A prevalência destes sintomas distribuiu-se em 31,3% com depressão suave, 23,4%, depressão mínima, 13,1% depressão moderadamente grave, 9,6% depressão grave e 9,2% depressão moderada (Dos Santos et al, 2021). Nesse estudo em questão, correlacionou-se variáveis e identificou-se que a renda familiar e o semestre cursado foram fatores associados para a severidade da depressão.

Dentro do presente estudo, é importante ressaltar que, nos resultados anteriores os níveis considerados Moderados a graves em sintomas ansiosos, eram de 6%. Comparado com a pesquisa atual, vemos um aumento de 26% dos sintomas depressivos considerados Moderados a grave. Considerando, que entre a população entrevistada 19,2% residem sozinhos, e longe da família, podemos citar esses fatores como agravantes. Uma vez que, a falta de uma rede de apoio pode atenuar ainda mais o sofrimento psicológico dos acadêmicos.

4 CONCLUSÕES

Os dados demonstram que a população universitária estudada experimenta sintomas ansiosos e depressivos clinicamente significativos, podendo apresentar algum tipo de transtorno ansioso ou depressivo.

Mesmo não havendo correlacionado variáveis sociodemográficas aos resultados dos escores dos sintomas, a literatura consultada para fundamentar a discussão do estudo apontou que em outras regiões do Brasil e em outros países, o fator socioeconômico pode ter sido um agravante no contexto pandêmico.

Acredita-se que, ao divulgar os resultados deste estudo, tanto a comunidade interna quanto externa, poderão perceber a relevância de se ampliar a discussão sobre a temática saúde mental de estudantes universitários.

Os dados obtidos por estudos como esse, devem ser considerados pelas instituições de ensino superior a fim de que as mesmas procurem aperfeiçoar programas de acolhimento e atendimento – não apenas psicológico – principalmente para os alunos de início do curso.



REFERÊNCIAS

- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION et al. DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais. Artmed Editora, 2014.
- CUNHA, J. A. Manual da versão em português das Escalas Beck. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo. 2001
- DA SILVA, Ana Paula Bernardo et al. Análise dos sintomas de ansiedade e risco de cardiopatias em universitários. 2020.
- DOS SANTOS, Larissa Barreto et al. Prevalência, severidade e fatores associados à depressão em estudantes universitários. SMAD Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas (Edição em Português), v. 17, n. 1, p. 92-100, 2021
- MAIA, Berta Rodrigues; DIAS, Paulo César. Ansiedade, depressão e estresse em estudantes universitários: o impacto da COVID-19. Estudos de psicologia (Campinas), v. 37, p. e200067, 2020.
- MALTONI, Juliana; DE CAMARGO PALMA, Priscila; NEUFELD, Carmem Beatriz. Sintomas ansiosos e depressivos em universitários brasileiros. Psico, v. 50, n.1, p. 29213, 2019.
- SILVA, Anna Clara Santos da et al. Relação entre vivência acadêmica e ansiedade em estudantes universitários. Contextos Clínicos, v. 14, n. 2, p. 563-587, 2021.
- WANG, Cuiyan et al. Immediate psychological responses and associated factors during the initial stage of the 2019 coronavirus disease (COVID-19) epidemic among the general population in China. International journal of environmental research and public health, v. 17, n. 5, p. 1729, 2020.